



A revista *Eu Sei Tudo* e o pós-Segunda Guerra Mundial: imaginário social e discurso jornalístico

Eu Sei Tudo magazine and the post-World War II period: social imaginary and journalistic discourse

La revista *Eu Sei Tudo* y el período posterior a la Segunda Guerra Mundial: imaginario social y discurso periodístico

Andréa Casa Nova Maia¹
Diogo Nunes de Oliveira²

Recebido em: 28 fev. 2025
Aceito para publicação em: 8 abr. 2025

Resumo: O objetivo do artigo é analisar a repercussão do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nas páginas da revista ilustrada *Eu Sei Tudo*. Para atingir tal propósito, foram selecionadas as edições que circularam entre janeiro e setembro de 1945. Partindo da hipótese de que a publicação refletia as tensões e transformações

¹ Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora associada de História do Brasil Republicano e História da Arte do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lattes: 1442021308383762. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0271-7649>.

² Mestrando em História Comparada pela UFRJ e graduado no curso de História bacharelado/licenciatura pela UFRJ. Lattes: 6175778647739830. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1259-8277>.

ocorridas no seio das sociedades, este artigo procura examinar o tema da guerra ao investigar os seguintes assuntos: 1) A representação da guerra nas capas da *Eu Sei Tudo*; 2) A valorização do esforço de guerra liderado pelos Estados Unidos; 3) O discurso sobre o papel social das mulheres no pós-guerra. Para isso, teremos como foco as capas, reportagens e seções jornalísticas específicas produzidas pela revista. Os pressupostos teórico-metodológicos mobilizados no decorrer da pesquisa sustentam-se nos trabalhos de Ana Maria Mauad, Roger Chartier e Michel de Certeau.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; *Eu Sei Tudo*; mulheres; discurso jornalístico; cultura visual.

Abstract: This study aimed to analyze the impact of the end of World War II (1939-1945) on the pages of the illustrated magazine *Eu Sei Tudo (I Know Everything)*. To achieve this goal, we selected the issues published between January and September 1945. Based on the hypothesis that the publication reflected the tensions and transformations occurring in societies, this article sought to examine the theme of war by investigating the following topics: the representation of war on the covers of *Eu Sei Tudo*; the valorization of the war effort led by the United States of America; and the discourse on the social role of women in the postwar period. To this end, we focused on the covers, reports, and specific journalistic sections of the magazine. The theoretical and methodological assumptions mobilized throughout the research are supported by the works of Ana Maria Mauad, Roger Chartier, and Michel de Certeau.

Keywords: World War II; *Eu Sei Tudo*; women; journalistic discourse; visual culture.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo analizar el impacto del fin de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945) en las páginas de la revista ilustrada *Eu Sei Tudo (Lo Sé Todo)*. Se seleccionaron los números publicados entre enero y septiembre de 1945. Partiendo de la hipótesis de que la publicación reflejaba las tensiones y transformaciones que se producían en las sociedades, este artículo buscó examinar el tema de la guerra mediante la investigación de los siguientes temas: la representación de la guerra en las portadas de *Eu Sei Tudo*; la valorización del esfuerzo bélico liderado por Estados Unidos; y el discurso sobre el rol social de la mujer en la posguerra. Para ello, nos centramos en las portadas, los reportajes y las secciones periodísticas específicas producidas por la revista. Los supuestos teóricos y metodológicos utilizados a lo largo de la investigación se sustentan en los trabajos de Ana Maria Mauad, Roger Chartier y Michel de Certeau.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial; *Eu Sei Tudo*; mujeres; discurso periodístico; cultura visual.

INTRODUÇÃO

Com a chegada do século XX, o Rio de Janeiro, capital federal da recente República, assistia às transformações urbanísticas para a construção de um território modelo, inserido na modernidade e no processo civilizacional, cujo exemplo máximo se encontrava na Europa – especificamente na França da *Belle Époque*. O Rio de Janeiro, como local privilegiado e sede dos poderes da República, queria ser visto como o arquétipo a ser seguido pelos demais estados da federação. Por isso, no decorrer das duas primeiras décadas do século XX, a partir das gestões da prefeitura de Pereira Passos (1836-1913) e Carlos Sampaio (1861-1930), presenciavam-se as construções de novos

portos, a modernização da malha ferroviária, dos transportes e da infraestrutura da capital e a abertura de grandes avenidas, verdadeiras artérias urbanas projetadas para dar conta do intenso fluxo populacional que diariamente se deslocava entre os subúrbios do estado e o centro da cidade.

Outro aspecto que nos auxilia a entender o novo momento em que o Brasil se encontrava é a expansão dos meios de comunicação. De acordo com Tânia Regina de Luca (2008, p. 1), na passagem do século XIX para o século XX a imprensa artesanal e de baixa circulação deu lugar às organizações jornalísticas dotadas de equipamentos tecnológicos avançados, com sedes cada vez maiores e com um expressivo número de funcionários especializados. A imprensa, além de se tornar uma empresa na qual o lucro e o crescimento do negócio eram sinônimos de sucesso, ganhava tons de indústria por investir de maneira exponencial na modernização do seu maquinário, a ponto de criar verdadeiros parques industriais para a produção de milhares de exemplares diariamente, comercializando impressos de qualidade comparável às publicações estrangeiras.

Foi nesse contexto de crescimento da imprensa industrial e consolidação dos periódicos que, em 1917, a revista *Eu Sei Tudo* começou a circular. Publicada até 1958 no Brasil, a revista mensal tinha como proposta ser uma enciclopédia ilustrada. Editada pela Companhia Editora Americana, a *Eu Sei Tudo* era uma revista de variedades e apresentava-se ao público como um magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e literário. Ao examinarmos o conteúdo das publicações, fica clara a diversidade de temas, materiais e assuntos abordados: romances, propagandas farmacêuticas, contos, pílulas científicas, charges, fotografias, atualidades, saúde, entre outros.

Ao circular no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, a *Eu Sei Tudo* fazia parte de um seleto grupo de periódicos ilustrados – ao lado da *Revista da Semana* (1900) e *O Cruzeiro* (1928) – que promoviam a difusão dos novos padrões de consumo e de comportamento estabelecidos pela jovem República. A revista, inspirada na versão francesa *Je Sais Tout* (1905-1939), carregava uma forte inspiração europeia nos primeiros anos de publicação. No Brasil, como um periódico que deveria interpretar, criticar e reforçar novos caminhos, a *Eu Sei Tudo* atuou para que “[...] a cidade-espelho, o Rio de Janeiro, a Paris Tropical, se modernizasse enfim” (Maia, 2014, p. 156). Posteriormente, sobretudo no decorrer da Segunda Guerra Mundial, o modelo de comportamento e consumo transmitido pela revista alinhou-se ao dos Estados Unidos, passando a difundir para o seu público leitor o modelo padrão do *American way of life*³.

A *Eu Sei Tudo*, localizada à época na Praça Gonçalves Dias, n.º 12, incorporou-se à realidade urbana da capital federal. No seu lançamento, sabemos que Arthur Brandão (1876-1966) – nascido em Portugal e deputado pelo Partido Nacionalista Português em 1923 – encabeçava a revista como editor-chefe. Entre 1937 e 1958 o periódico ficou sob o comando de Gratuliano da Costa Brito (1906-1982), o último a assumir o cargo⁴.

Com características de almanaque, circulava com uma periodicidade mensal e possuía cerca de 150 páginas nas dimensões de 26,5 cm x 17,5 cm. Destacava-se pela excelente qualidade da sua impressão. Vendida em bancas de jornal ou por assinaturas anuais, podia ser adquirida em 1917 por 2\$000 (réis) na capital. Para os demais estados,

³ Cabe ressaltar que entre 1933 e 1945 os Estados Unidos buscaram estabelecer relações de aproximação com os países latino-americanos. O objetivo seria expandir sua zona de influência por todo o continente. A “Política da Boa Vizinhança”, implementada por Franklin Delano Roosevelt (presidente dos EUA no período), exerceu grande influência sobre os periódicos brasileiros.

⁴ Gratuliano da Costa Brito formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife. Foi diretor-presidente da Companhia Editora Americana, fundada em meados de 1900, e atuou como membro da Associação Brasileira de Imprensa. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1982 (FGV, 2025).

o valor do número avulso subia para 2\$500 (réis). A assinatura anual de 12 números no Brasil custava 25\$000 (réis), enquanto para o estrangeiro o valor era de 60 francos (Maia; Oliveira, 2021, p. 47). Se compararmos o preço da revista com o custo de alguns alimentos comuns na época, hoje sabemos que, com a quantia de 1\$000 a 2\$300 (réis), era possível comprar manteiga e uma dúzia de ovos, produtos muito presentes nas refeições da população brasileira. Em 1945, ano de encerramento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e sobre o qual vamos nos debruçar, o valor do exemplar atingiu a marca de Cr\$ 2,50 (cruzeiros) para a capital e Cr\$ 3,00 (cruzeiros) para os demais estados⁵.

Comparado com o preço dos jornais diários da cidade, o da revista era relativamente maior. O *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, dois dos principais jornais do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século passado, custavam Cr\$ 0,40 (cruzeiros) o exemplar avulso, em 1945. A discrepância nos valores poderia sugerir que o público consumidor da *Eu Sei Tudo* se diferenciava largamente dos leitores de periódicos diários que, por uma bagatela significativamente menor, tinham acesso à informação. No entanto este movimento de restringir o público leitor baseando-se apenas em amostras iniciais, sem levar em consideração a circulação e capilaridade da revista, deve ser reconsiderado, uma vez que “a variedade de temas tratados aponta para uma diversificação do público, seja do ponto de vista do gênero, seja do ponto de vista das classes leitoras” (Maia, 2014, p. 152).

Ao iniciar a circulação do impresso em julho de 1917, a *Eu Sei Tudo* acompanhou os momentos finais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os anos relativos ao período entre guerras, a escalada do regime nazista de Adolf Hitler na Alemanha e do fascismo de Benito Mussolini (1883-1945) na Itália, o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, bem como a derrocada do Eixo e a vitória dos Aliados, em 1945. Por se posicionar como uma revista de variedades, de atualidades e científica, o tema da guerra emergia nas chamativas capas, produzidas em cores vivas e de ótima qualidade gráfica, ou como conteúdo de reportagens e propagandas.

Ao percorrer as páginas da edição número 1, é perceptível a presença do temor sobre a guerra e como esse medo interferia diretamente nas perspectivas geradas sobre o futuro. A reportagem “A guerra futura: os horrores que a sciencia nos reserva” (jun. 1917, p. 27) é um dos exemplos em que a ilustração, unida ao texto, expõe ao leitor de forma didática o argumento central a ser defendido. Nesse caso, chamam atenção duas ilustrações, posicionadas nas laterais da página, enquanto o texto principal é exposto na parte central e segue preenchendo todos os espaços. Examinando a primeira imagem à esquerda, é perceptível a figura de um homem dentro de uma cabine, cercado de parafernália tecnológica. O personagem veste terno preto, está sentado numa cadeira e faz um movimento, com a mão direita, como se fosse apertar um dos botões do maquinário localizado à sua frente. Abaixo dessa imagem, segue a descrição: “Na cabine de um posto hertziano um engenheiro colocará um dedo sobre o botão elétrico e...”. O texto continua na legenda da segunda ilustração, localizada à direita da página: “... a muitos kilometros de distância, um balão sem tripulantes, dirigido por ondas, irradiantes, despejará sobre o inimigo algumas toneladas de explosivos”. A ilustração acompanha a descrição, sendo possível visualizar um dirigível em chamas e uma grande explosão que surge da sua cabine de comando. Os explosivos despejados pela máquina seguem em direção ao solo, atingindo um grupo de cabanas e dando a entender que o inimigo estaria sendo pego de surpresa, eliminado enquanto montava acampamento.

⁵ A título de comparação, em 1945 a revista semanal *Scena Muda* era vendida por Cr\$ 1,50 em todo o país. A *Revista da Semana*, por sua vez, era comercializada na época pelo mesmo valor de Cr\$ 1,50 em todo o território nacional. Escolhemos essas revistas como exemplos pois ambas, ao lado da *Eu Sei Tudo*, eram publicadas pela Companhia Editora Americana.

Com o avanço da guerra e da escalada do conflito, a ciência, outrora sinônimo de modernidade, civilização e progresso, passa a ser interpretada sob novas perspectivas. Nesse caso, o avanço da ciência e da tecnologia bélica e a criação de novas armas, aeronaves, submarinos e tanques de guerra significariam a impossibilidade de construir um futuro de paz e harmonia entre as nações. Como profetas do seu tempo, acertaram as previsões feitas sobre o surgimento de novas guerras: “E, como seria ingenuo fazer côro com os sonhadores que já afirmam ser esta guerra a última”. Ao refletir sobre os próximos passos que seriam tomados pelos países após o fim da Primeira Guerra, afirmavam: “Vão de certo voltar todas as suas sciencias para a defesa nacional, com a preocupação de se garantirem contra as desgraças e devastações que são o justo premio dos prevenidos”. Mas que desgraças seriam essas? Duas tecnologias eram os motivos da inquietação: “o torpedo dirigivel e a aeronave sem tripulantes” (A guerra [...], jun. 1917, p. 27).

Atravessada pela sua conjuntura histórica, a revista *Eu Sei Tudo* não apenas relatava os fatos, ela produzia sentido e reflexão sobre os acontecimentos publicados em suas páginas. Foram memórias construídas sobre um evento traumatizante que marcaria para sempre a história das sociedades ocidentais do século XX. O discurso produzido sobre o conflito impactava diretamente a opinião do público que acompanhava a guerra pelos rádios e jornais, espantado com as fotografias tiradas do *front* e publicadas nas revistas ilustradas.

O objetivo central deste artigo é demonstrar quais foram as estratégias editoriais empregadas pela *Eu Sei Tudo* para relatar e veicular as notícias sobre o fim da Segunda Guerra Mundial. Estabelecemos, como *corpus* documental, as nove edições publicadas entre janeiro e setembro de 1945. Os materiais investigados serão as matérias jornalísticas, capas e representações artísticas publicadas pelo periódico com o intuito de manter seu público leitor informado sobre os momentos finais do conflito. No primeiro momento, investigaremos as capas das edições de julho e setembro de 1945, com a finalidade de entender como a temática da guerra foi mobilizada pela revista para atrair o público consumidor. Por fim, serão examinadas fotografias e matérias jornalísticas que abordaram dois temas principais selecionados por nós: 1) O esforço de guerra protagonizado pelos Estados Unidos e destacado pela revista; 2) A questão sobre o papel social das mulheres no mundo pós-Segunda Guerra Mundial.

O arcabouço teórico-metodológico empregado no decorrer do trabalho tem como referência as produções intelectuais de Ana Maria Mauad, utilizadas aqui como guia para a compreensão do poder simbólico das fotografias e da cultura visual. Por se tratar de uma fonte de natureza periódica, os trabalhos de Michel de Certeau e Roger Chartier serão mobilizados para o trato com o documento textual.

AS CAPAS DA REVISTA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

O momento mundial é de embates sucessivos entre forças formidáveis, no ar, em terra e no mar. E aviões e soldados e navios têm, como nunca, as mais positivas características de poderio. É a guerra na sua incomparável expressão de terror. [...] Julho, ao que parece, será um mês que irá deixar gravados na História os mais graves episódios navais. Eis por que a capa deste número representa a grandeza dos monstros bélicos que dominam os mares.
(*Eu Sei Tudo*, jul. 1943)

O gênero textual “capa de revista” não é uma invenção estritamente contemporânea. Sua utilização remonta à Idade Média, quando padres e monges produziam as capas de seus fascículos com o intuito de preservar o conteúdo textual das intempéries do tempo e dos desgastes oriundos do manuseio. Na era da imprensa industrial, as capas ganharam novos contornos, submetidas a novas relações de poder, em que o conteúdo expresso na primeira página é produzido para chamar a atenção do leitor e indicar quais matérias, assuntos e reportagens serão encontrados caso o jornal ou a revista seja adquirido. Ao seguir essa linha interpretativa e refletir sobre a valorização do gênero textual capa de revista, Tarcísia Travassos (2010, p. 11) aponta:

Na era industrial, as capas sofreram uma adaptação aos sistemas de produção e passaram a representar verbal e/ou pictoricamente o conteúdo das publicações. Com a era da informação, este espaço passou a ser ainda mais explorado, tanto para comunicar o conteúdo da publicação, como para persuadir o público consumidor, os leitores.

De acordo com Vera Casa Nova (1996, p. 74-75), no início do século XX, quando os almanaques de farmácia possuíam destaque e capilaridade na sociedade brasileira, as capas desses produtos serviam como verdadeiros “cartões de visita”. Integrada ao contexto urbano, a revista utilizou-se do apelo visual para se destacar em meio às inúmeras possibilidades de compra ofertadas para o público consumidor. Por isso, é comum observar diferentes linhas editoriais que, por meio de fotografias, edições ou jogos de palavras, construíram propósitos comunicativos singulares para informar e reter a atenção do público em potencial.

A revista *Eu Sei Tudo* não fugia dessa tônica, mas destacou-se das demais concorrentes ao criar uma conexão entre o desejo do seu público leitor e o projeto editorial que unia ciência, arte e literatura. Era comum encontrar nas últimas páginas das edições de 1945 a seção “A Capa”, que explicava as motivações e razões que levaram à escolha da capa mensal.

O exemplar número 334, de março de 1945, tem como capa uma paisagem paradisíaca. É possível ver em primeiro plano uma pequena cabana feita de madeira, com teto coberto por folhas. O plano de fundo é composto por um grande lago. Entre os dois elementos, a casa e as águas, há um coqueiro que, com a sua extensão, conecta as partes inferior e superior da página. O título da revista é integrado à paisagem, mas nitidamente é recolhido para o canto superior esquerdo da página para que a composição da capa não seja afetada.

Na mesma edição, a seção “A Capa” apresenta ao leitor a origem da paisagem exposta na primeira página e o porquê da sua escolha.

Procurando variar o mais possível gênero das capas de *Eu Sei Tudo*, escolhemos para este número uma paisagem brasileira. A tricromia que apresentados foi feita sobre uma linda fotografia de Dr. Raul Pontual, que representa um trecho da ilha Itacuruçá, no município de Mangaratiba (E. do Rio). O prestígio da paisagem ainda é uma das verdades iniludíveis no setor do senso artístico e temos por isso, a certeza que os leitores de *Eu Sei Tudo* receberão com agrado o sugestivo quadro que lhes oferecemos (*Eu Sei Tudo*, mar. 1945, p. 103).

O texto, além de contextualizar o leitor sobre o que seria visto na capa da revista, também fornece pistas valiosas acerca das possíveis motivações que levaram à escolha da fotografia. De início, somos apresentados à intenção do impresso de publicar variados temas e assuntos na capa, seu “cartão de visita”. Essa diversidade no conteúdo pode ser

interpretada como uma forma de atender às demandas do seu amplo público leitor e também de demonstrar o arcabouço de referências artísticas e literárias que os editores da revista possuíam. As linhas finais sugerem que o material teria sido aprovado pelo seu senso artístico especializado, o que daria a garantia de que os leitores da *Eu Sei Tudo* receberiam a capa com bom grado. Percebe-se como a recepção era antecipada no momento de produção.

Entre janeiro e setembro de 1945, o tema da Segunda Guerra Mundial foi relatado em duas capas. As edições de julho (número 338) e setembro (número 340) retratam, de maneira diversa, dois temas cada vez mais recorrentes na *Eu Sei Tudo* à medida que o fim da guerra se aproximava: a força bélica das nações aliadas e a relação internacional entre os países após o término do conflito.

Na edição de julho, a seção “Memento *Eu Sei Tudo*”, produzida para apresentar ao leitor as notícias mais recentes dos acontecimentos mundiais (Maia, 2014, p. 157), divulgou a derrocada de Adolf Hitler, ao descrever os eventos ocorridos em maio na Europa. Entre eles, destaca: a tomada de Berlim pelos soviéticos; a morte de Adolf Hitler; a atuação dos soldados brasileiros nas operações de ocupação dos territórios italianos de Tortona e Voghera; o suposto suicídio de Goebbels (1897-1945); o anúncio oficial sobre o fim da guerra, emitido em conjunto por Winston Churchill (1874-1965), primeiro-ministro britânico, e Harry Truman (1884-1972), presidente dos Estados Unidos à época (*Eu Sei Tudo*, jul. 1945, p. 79). A atuação da União Soviética e da França para a derrota do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) é pouco divulgada nessa seção. Por outro lado, a atuação da Inglaterra é personificada na figura diplomática de Winston Churchill, enquanto o teor bélico da guerra é retratado por meio do poderio militar do Exército americano que, com suas armas, navios e tanques de guerra, ocupava seguidamente os territórios anteriormente dominados pela Alemanha e Itália.

Figura 1 – Capa da *Eu Sei Tudo* de julho de 1945 (p. 1)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

A capa da edição 338 demonstra o poder bélico mobilizado pelos Aliados para derrotar o Eixo. O grande navio militar parece estar navegando em alta velocidade pelo mar; as águas que o atingem e se chocam com a parte inferior do seu casco passam para o leitor a impressão de que o objeto está em movimento. Em sua proa, percebe-se a presença de inúmeras bandeiras nacionais postas lado a lado, erguidas por uma corda que atravessa quase toda a extensão do baluarte marinho. Dessa vez, na capa da revista não há uma fotografia, mas uma ilustração: a representação imagética e simbólica da Segunda Guerra Mundial. Ao final do exemplar, a seção “A Capa” mais uma vez contextualiza o leitor sobre o significado da ilustração publicada na primeira página.

O horroroso perigo foi conjurado com tenacidade e heroísmo e as corvetas e cruzadores das nações aliadas infestam os mares todos á cata dos corsários da barbaria germânica. Foi com a escolta de belonaves como a que figura na nossa capa que o mundo civilizado pôde assegurar uma relativa liberdade através dos mares perigosos. Hoje, graças a êsses intemeratos fiadores dos comboios de tropas e abastecimentos, os mares estão livres, triunfando a doutrina que, há três séculos Grotius pregou ao mundo (*Eu Sei Tudo*, jul. 1945, p. 102)⁶.

O texto trouxe novos significados que são acoplados à imagem figurada na capa da revista. O leitor, ao ter o primeiro contato com o periódico numa banca de jornal, dificilmente teria o discernimento para identificar a embarcação como uma arma bélica a serviço dos Aliados. Até mesmo as bandeiras pouco sugerem isso. Claro, esse tipo de armamento fazia-se presente no imaginário da população brasileira desde o início da Primeira Guerra Mundial e portanto, ao ser impactado com essa ilustração, o sujeito facilmente a relacionaria ao conflito armado, mas não exatamente ao significado proposto pela revista. Panofsky (1986, p. 55) compreende que tal tipo de interpretação preliminar sobre a iconografia ocorre por meio da experiência prática do indivíduo. Ou seja, com base nas referências testemunhadas e absorvidas no cotidiano, o sujeito produz sentido e significado à imagem observada.

Esses artefatos bélicos eram associados ao poder das nações aliadas e, por isso, era muito comum encontrar fotografias de submarinos, aviões e tanques de guerra nas páginas da *Eu Sei Tudo*. Carvalho (2011, p. 38), ao observar de maneira crítica as reportagens da revista relacionadas ao conflito, é perspicaz ao compreender que “ideias como modernidade, avanço, sofisticação e poder que em anos anteriores eram associados a aparatos civis e equipamentos científicos pela revista, passaram a ser também ligados a máquinas bélicas [...]”.

Em 1917 a revista interpretou o avanço da tecnologia e da ciência militar como um fator de perigo para a humanidade. Caso as nações optassem pelo investimento na área de defesa nacional e do setor militar, as armas evoluiriam a tal ponto que com um simples toque de botão um exército inteiro seria pulverizado. Havia, portanto, o receio do aumento do poderio bélico e da escalada dos conflitos. Contudo algo chama atenção no discurso presente na edição de julho de 1945. Nesse ano, o discurso parece modificar-se de maneira significativa. Afinal, de acordo com a edição: “Foi com a escolta de belonaves como a que figura na nossa capa que o mundo civilizado pôde assegurar uma relativa liberdade através dos mares perigosos” (*Eu Sei Tudo*, jul. 1945, p. 103). Tal como na edição de 1945, o trecho que compõe a epígrafe desta seção, retirado do exemplar de julho de 1943, também valoriza o poder militar e destaca o enfrentamento

⁶ Hugo Grotius viveu na República dos Países Baixos entre os séculos XVI e XVII. Foi jurista e considerado um dos fundadores da doutrina do Direito Internacional.

pelo ar, terra e mar, ao mesmo tempo em que enfatiza a “incomparável expressão do terror” (*Eu Sei Tudo*, jul. 1943, p. 103) que a guerra trazia. Assim, é possível inferir que no imaginário popular havia uma relação ambígua no trato com as forças militares protagonistas do conflito: ao mesmo tempo em que a extensão da guerra significaria o fim da humanidade, apenas o poder bélico dos Aliados poderia pôr fim à trama.

Em setembro de 1945, uma nova capa buscava reproduzir as consequências oriundas da Segunda Guerra Mundial, mas dessa vez o tema central girava em torno da complexidade de estabelecer novas relações diplomáticas e internacionais no mundo pós-guerra.

A edição 340 expôs em sua capa uma imagem inspirada na obra artística de Johannes Vermeer (1632-1675), intitulada *O geógrafo* (*De geograaf*). Jørgen Wadum, diretor do Wadum Art Technological Studies, é docente da Universidade de Amsterdã e especialista em conservação e restauração. Jørgen tem como parte do seu trabalho a conservação e análise das obras de arte de Johannes Vermeer. Em sua carreira, chefiou o grupo responsável pela restauração da obra de arte *The girl with a pearl earring* (*A menina com brinco de pérolas* [tradução nossa]), representação artística hoje bastante conhecida. De acordo com o professor, Vermeer – pintor de origem holandesa especializado em cenas domésticas e de gênero provinciano – tinha como característica um estilo de pintura lento, meticuloso, muito cuidadoso e com cores realistas. Jørgen sustenta a hipótese de que o estilo de pintura do artista decorria do seu longo processo de amadurecimento e da aceitação estética das suas próprias obras de arte (Wadum, 2003).

Figura 2 – Capa da *Eu Sei Tudo*, n. 340, ano 29, setembro de 1945



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Figura 3 – VERMEER, Johannes. *De geograaf*. 1668-1669. 1 original de arte, óleo sobre tela, 52 cm x 45,5 cm



Fonte: Wheelock (1995, p. 170)

A *Eu Sei Tudo* publicava em suas capas diferentes categorias de imagens – fotografias, ilustrações e obras de arte. Inúmeras representações artísticas estampavam o seu “cartão de visita”. As cores vivas e a qualidade da impressão, oriundas de processos fotoquímicos bastante avançados para a época, encantavam o olhar. Ao final da edição de setembro de 1945 e na seção “A Capa”, encontramos como de costume mais informações sobre a

imagem que compõe a primeira página. Nas primeiras linhas do enunciado é sinalizado que a capa mensal é inspirada na obra *O geógrafo*, de Johannes Vermeer.

Após as primeiras informações, o texto segue:

Não vai, acaso, sofrer grande transformação a Geografia Política?
Derrotada a Alemanha e subjugado o Japão nos últimos dias da primeira quinzena de agosto findo pelas Nações Unidas, os dois povos vencidos que se haviam apossado de inumeráveis territórios livres terão de restituí-los. E o geógrafo terá, nos nossos dias, de meditar sôbre o mappa-mundi, de analisá-lo, de corrigí-lo, como êsse dos tempos idos que a nossa capa representa. É, portanto, oportuna ou não? (*Eu Sei Tudo*, set. 1945, p. 102).

Em 1995, a colaboração entre a National Gallery of Art (Washington, EUA) e a Royal Cabinet of Paintings Mauritshuis (Haia, Holanda) deu origem ao livro *Johannes Vermeer*, publicado e impresso nos Estados Unidos pela Universidade de Yale. O material propõe-se a apresentar, de maneira minuciosa, as obras de arte criadas pelo autor entre os anos de 1655 e 1675. O impresso, de excelente qualidade, foi produzido com o intuito de caracterizar os possíveis significados e simbologias que permeiam as obras artísticas de Vermeer. Ao mesmo tempo, evidencia as técnicas de pintura utilizadas pelo artista.

Nesse material, encontramos mais detalhes sobre a obra mencionada pela revista *Eu Sei Tudo*. Produzida com a técnica de pintura óleo sobre tela, tem as dimensões de 52 cm x 45,5 cm. Estima-se que foi elaborada entre os anos de 1668 e 1669 (Wheelock, 1995, p. 170). Ao destrinchar o que a representação do geógrafo poderia simbolizar, o especialista afirma:

O geógrafo de Vermeer é, acima de tudo, alguém entusiasmado com a investigação intelectual. Cercado por mapas, cartas, livros e um globo, ele olha atentamente em direção à janela, enquanto descansa uma mão sobre um livro e segura um compasso com a outra. Embora Vermeer não revele as perguntas que o geógrafo faz nem as respostas que busca, sua postura ativa indica uma mente alerta e perspicaz. Seu traje acadêmico – um robe azul com detalhes vermelhos e cabelos longos puxados para trás das orelhas – reforça ainda mais a seriedade de seu empenho (Wheelock, 1995, p. 170, tradução nossa).

Postas lado a lado, percebe-se que na capa da revista *Eu Sei Tudo* não há exatamente uma reprodução da pintura de Johannes Vermeer, mas uma ilustração inspirada em sua obra. O significado atribuído pela revista, no entanto, parece encontrar respaldo na obra original. Seguindo a explicação de Arthur Wheelock, ao deparar com a realidade exposta através da sua janela o geógrafo procura transportar e reproduzir o mundo para as coordenadas do seu mapa. O personagem pertence ao século XVII e experimenta o momento em que o homem explora os mares rumo às terras antes desconhecidas. Pelos olhos da *Eu Sei Tudo*, o geógrafo também está compelido a decifrar a realidade que o cerca, o mundo pós-Segunda Guerra Mundial. Por isso, é categórica ao afirmar que o personagem deverá se dedicar ao estudo do mapa-múndi, sugerindo que o mundo a partir dali viveria sob novas configurações.

Elementos como o globo terrestre e livros fazem parte das duas representações artísticas. O robe azul, que reforçaria a maturidade e sabedoria do homem, compõe as duas cenas. Alinhadas de forma horizontal, as duas imagens parecem se complementar. O geógrafo da *Eu Sei Tudo*, sentado numa cadeira em frente à mesa, não olha para os elementos da cena, mas para frente, como se uma segunda pessoa estivesse no local. O livro à sua frente encontra-se até mesmo virado de costas para ele. O personagem

da obra original de Vermeer segue olhando para a esquerda de quem a observa. Se pudéssemos sugerir a união das duas imagens, o geógrafo de Vermeer parece estar encarando diretamente o livro colocado à mesa na capa da *Eu Sei Tudo*.

Finalmente, ao contextualizar para o leitor a obra exposta na capa mensal, a revista conecta o geógrafo ao contexto no qual ela mesma está inserida: o fim da Segunda Guerra Mundial. Fundamentalmente, é necessário que o geógrafo produza novos mapas e cartografias desse novo tempo em que os territórios passam a ser novamente reintegrados. Será indispensável decifrar o mundo a ser construído no pós-guerra. As relações diplomáticas e internacionais, alinhadas ao surgimento de novos jogos de poder, travados agora pelas sociedades capitalistas e socialistas, deverão dar novos contornos para o mundo onde o perigo nuclear se torna cada vez mais presente no cotidiano global. As bombas de Hiroshima e Nagasaki foram utilizadas em agosto de 1945, um mês antes da publicação dessa edição.

Como vimos, as capas da *Eu Sei Tudo* estavam conectadas às conjunturas social e política nas quais a revista se inseriu. Verdadeiro chamariz, a primeira página, com cores fortes, vibrantes e sempre de qualidade superior, utilizava-se da persuasão para atrair o público leitor e consumidor. De acordo com Chartier (1998, p. 16), “a imagem [...] pode constituir-se num lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história, uma propaganda, um ensinamento [...]”. As capas da *Eu Sei Tudo* seguiam todos esses elementos, pois construíram memórias e serviram como propaganda de guerra ao construir uma imagem simbólica sobre o conflito. Também produziram ensinamentos – a imagem do geógrafo cristalizava a necessidade de pensar no futuro e nas novas relações internacionais, sociais e políticas que surgiriam a partir dali.

O DISCURSO SOBRE A GUERRA: DOCUMENTO, IMAGEM E PERSUASÃO

Ao vasculhar as edições da *Eu Sei Tudo* do ano de 1945, uma gama de assuntos pertinentes à Segunda Guerra Mundial sobressaltou aos nossos olhos. Saúde, higiene, tecnologia, ciência, lazer e moda são áreas que sofreram influência do contexto histórico no qual estavam inseridas. Por isso, poderíamos discorrer aqui longamente sobre cada um desses temas, porém escolhemos nos ater a determinados assuntos que, de uma forma ou de outra, foram valorizados pela revista⁷. Os eixos temáticos serão: o esforço de guerra (em que o papel dos Estados Unidos é amplamente evidenciado e enfatizado como central para o desfecho do conflito) e a função social das mulheres durante e após o fim da Segunda Guerra Mundial, explorando as transformações e os novos papéis sociais que deveriam assumir.

Ao explorar as imagens selecionadas, teremos como objetivo examinar a força simbólica das fotografias, interpretadas aqui como imagem/documento e imagem/monumento (Mauad, 1996, p. 73). Considerando que o texto “[...] só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe

⁷ No decorrer da pesquisa, foram encontrados outros temas interessantes que merecem ser examinados em uma outra oportunidade: o medo do expansionismo soviético pela Europa; a construção da imagem dos líderes do grupo Aliado (Churchill, Truman, Roosevelt, Stalin); a ocupação estadunidense dos territórios antes dominados pelo regime nazista e fascista; a “Era Atômica” após Hiroshima e Nagasaki; e o discurso sobre a figura Hermann Göring (1893-1946), um dos líderes do exército hitlerista.

escapam” (Certeau, 1998, p. 266), o exame do discurso jornalístico aqui empreendido levará em consideração o público: o leitor. Esse sujeito que “torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se imprimir pelo texto e como o texto que lhe é imposto” (Certeau, 1998, p. 261).

Dito isso, a edição 332, publicada em janeiro de 1945, trouxe uma extensa reportagem sobre a mobilização da agricultura estadunidense, o que foi feito naquele momento para suprir as necessidades alimentícias da sua população e dos países Aliados. A matéria, intitulada “As fazendas também trabalham para a vitória”, apresentava ao público o projeto político e econômico implementado pelos Estados Unidos para o avanço da sua produção agrícola.

A reportagem divulgou notícias importantes acerca da interferência do Estado na produção agrícola, a construção de novos departamentos de inteligência e a necessidade de abastecer o mercado americano. Ao observar o discurso jornalístico de maneira mais minuciosa, no entanto, torna-se evidente a presença de uma narrativa em que o auxílio prestado pelos Estados Unidos aos países aliados estaria ocasionando prejuízos à população estadunidense. De acordo com o texto: “Se não tivessem que alimentar suas forças armadas e suprir seus aliados, os Estados Unidos facilmente poderiam satisfazer suas próprias necessidades”. E complementa a reflexão, ao afirmar: “Assim a população dos Estados Unidos, sua população civil, este ano pode ter, no máximo, dois terços do alimento que desejava. Teve o bastante, porém não a fartura” (As fazendas [...], jan. 1945, p. 13).

Renée Zicman (1985, p. 90), ao pensar na suposta realidade presente no discurso jornalístico, argumenta:

[...] devemos lembrar que na Imprensa a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dadas ao azar mas ao contrário, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação. Todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro.

Isto posto e levando em consideração tais apontamentos para a interpretação da matéria da *Eu Sei Tudo*, poderíamos sugerir que, ao relacionar a ajuda dada pelos Estados Unidos aos países aliados com a falta de “fartura” de alimentos na mesa da população estadunidense, o país norte-americano estaria se “sacrificando” mais do que seus parceiros posicionados no *front*. Ou seja, além da ajuda bélica, os Estados Unidos também estariam proporcionando a sobrevivência da “população esfomeada que precisa ser socorrida” (As fazendas [...], jan. 1945, p. 13). A revista, por meio de seu discurso jornalístico, posiciona-se de maneira claramente favorável à atuação dos Estados Unidos no contexto abordado, enfatizando de forma significativa e prioritária a importância e o impacto de sua colaboração, que é apresentada como essencial e determinante. Diante dos olhos do público leitor, surge a imagem de um país forte e benevolente, engrenagem indispensável para a vitória na guerra.

Figura 4 – Matéria da *Eu Sei Tudo* (As fazendas [...], jan. 1945, p. 13)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

A matéria “As fazendas também trabalham para a vitória” é aberta por uma imagem e, ao examiná-la, alguns elementos chamam atenção. Em primeiro lugar, a legenda contextualiza o que se passa na situação retratada: “Um dos agentes do Departamento de Agricultura conversa com agricultores sobre as necessidades do país, dizendo-lhes o que o Governo espera dos campos” (As fazendas [...], jan. 1945, p. 13). Observando o cenário, vemos um grupo de pessoas sentadas em cadeiras, posicionadas lado a lado. Além dos homens expostos na cena, é possível distinguir uma criança com vestes brancas sentada no colo de um dos participantes. Destacada pelo retângulo e identificada pelo número 1, parece haver uma mulher na reunião. Os cartazes que ornamentam as paredes são interessantes: o primeiro parece ser a fotografia de um animal, aparentemente uma vaca; o centralizado destaca a figura de um homem que, ao levantar o braço esquerdo, dirige uma saudação em direção a três aeronaves; por fim, no último há nitidamente a fotografia de uma criança branca, de cabelos escuros e com uma veste listrada na cor preta e branca, satisfazendo-se com um copo de leite. Composto as imagens, seguem os dizeres: “América pede por mais leite” (As fazendas [...], 1945, p. 13, tradução nossa).

A composição da fotografia, sua legenda e o discurso produzido na matéria enfatizavam a mobilização dos Estados Unidos e de seus dirigentes para suprir as necessidades da sociedade. Os aviões no cartaz representavam o presente, o momento de tensão trazido pela guerra, em que as armas bélicas passavam a compor a paisagem

cotidiana. A criança no ambiente e no cartaz dá o tom de urgência, é a representação do futuro que precisava ser resguardado e protegido. Para alcançar tais objetivos, elaboraram uma união entre Estado e fazendeiros, para que juntos pudessem suprir as necessidades alimentícias. Pelo menos essa é a mensagem que a fotografia e o texto buscam reproduzir. Vale ressaltar que, em janeiro de 1945, a presidência dos Estados Unidos estava ocupada por Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), conhecido pela implementação do *New Deal* – pacto econômico no qual uma das principais medidas era a interferência do Estado na economia⁸.

Ana Maria Mauad e Marcus Lopes fornecem-nos pistas para a interpretação das imagens. Como imagem/documento, as fotografias proporcionam informações sobre a materialidade do passado representado nelas. Portanto, por meio das fotografias é possível compreender a moda, a arquitetura, as condições de vida, os costumes etc. Enquanto imagem/monumento, as fotografias emergem como símbolos, marca escolhida pelos seus contemporâneos para perpetuar-se no futuro como única imagem (Mauad; Lopes, 2012, p. 264). Ou seja, a fotografia publicada na edição de janeiro de 1945, ao mesmo tempo que nos dá pistas para compreendermos os elementos do seu presente e da cena (os sujeitos, as vestimentas, os cartazes), também precisa ser examinada como símbolo/monumento do seu tempo – os Estados Unidos como baluarte da civilização ocidental. Segundo a autora, é necessário “compreender a fotografia como uma escolha efetuada em um conjunto de escolhas então possíveis” (Mauad, 1996, p. 43). Ou seja, entre as diversas opções e escolhas sobre como informar o público leitor por meio da cultura visual, a cena que estampa a página da revista foi selecionada mediante critérios estabelecidos pelo periódico. A valorização do papel dos Estados Unidos na guerra estava atrelada à influência estadunidense na sociedade brasileira. O *American way of life* – estilo de vida americano – projetava-se como o modelo a ser seguido. A Europa deixava de ser o arquétipo máximo a ser copiado. Isso podia ser percebido nas propagandas, quando o padrão de beleza hollywoodiano passou a ser visto como o ideal (Maia, 2014, p. 165).

Cabe agora elaborarmos uma breve reflexão sobre como o papel social das mulheres foi retratado nas páginas da revista *Eu Sei Tudo* no ano de 1945, especialmente no contexto das reportagens relacionadas à Segunda Guerra Mundial. Para isso, faremos uma rápida comparação entre reportagens publicadas em 1917 e 1945. Comparar discursos produzidos em diferentes contextos históricos sobre uma mesma temática pode conceder pistas valiosas para compreender as transformações e permanências que ocorreram no seio das sociedades.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que a presença feminina marcou as páginas da revista desde a publicação do primeiro número, principalmente como capa das propagandas de produtos farmacêuticos e de beleza. Segundo Maia e Oliveira (2021, p. 40), nesses anúncios, “além dos produtos do lar, o autocuidado, isto é, a saúde e a beleza eram foco principal das propagandas direcionadas ao público feminino na *Eu Sei Tudo*, a exemplo dos anúncios dos comprimidos Vikelp”. A expansão da oferta desses artigos para o público feminino teve crescimento entre as décadas de 1940 e 1960, influenciada pela consolidação do mercado consumidor que veio oferecer às mulheres uma variedade de novos produtos (Kobayashi, 2018, p. 744).

⁸ A matéria comenta a interferência do Estado na vida dos fazendeiros, relatando: “Com isso, transforma a tradicional maneira de trabalhar desses homens do campo, transforma também suas vidas, intrometendo-se mesmo na vida do lar desses fazendeiros [...]” (As fazendas [...], jan. 1945, p. 16).

Figura 5 – *Eu Sei Tudo*, jun. 1917, p. 15



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Figura 6 – *Eu Sei Tudo*, abr. 1945, p. 16



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Essa mulher, vista como alvo de propagandas de produtos de higiene, saúde e beleza, formava uma base consumidora bastante importante para a revista. Como já destacado em texto anterior, entre as décadas de 1930 e 1940 as mulheres passavam cada vez mais a integrar o grupo de leitores das revistas. Por isso:

As seções dessa revista [*Eu Sei Tudo*] também se voltam para esse público compartilhando com os modelos doutrinários da época que trazem em seu conteúdo valores familiares e patriarcais, além de idealizações do corpo da mulher através da moda, que incita na leitora o desejo de ser cidadã de uma metrópole moderna e, ao mesmo tempo, a mãe e “rainha do lar” (Maia, 2014, p. 164).

Mesmo sendo considerada um público leitor e consumidor bastante importante, a mulher passou a ser vista como elemento causador de preocupação, principalmente nos anos que contaram com as duas guerras mundiais. Em 1917, a reportagem “As consequências da guerra – um novo perigo” expõe o medo em relação ao papel que a mulher deveria exercer após o fim da Primeira Guerra Mundial. O texto aborda o fenômeno de mulheres que assumiram postos de trabalho predominantemente ocupados por homens, em fábricas e usinas. A publicação em questão destacava, de maneira específica, os supostos “riscos” que tal mudança poderia representar para as sociedades francesa e inglesa. Não havia menção às mulheres estadunidenses no texto discutido.

A reportagem da *Eu Sei Tudo* ressaltava que as mulheres, após ocupar esses cargos, estavam “habitadas a viver com seu trabalho bem remunerado, a gosar a independência que lhe vem de honorários fartos, ganhos com os seus próprios esforços” (As consequências [...], jun. 1917, p. 15). Indiretamente, a matéria dá a entender que a nova realidade atraía as mulheres, pois estariam conquistando sua liberdade econômica

ao adentrar espaços que anteriormente eram ocupados apenas por seus pais, maridos e irmãos – resumidamente, reservados apenas para homens. Seguindo a matéria, outra preocupação era exposta: “Estarão ellas dispostas a abrir mão subitamente de todas as vantagens quando, terminada a guerra, os milhões de operarios hoje mobilizados nas linhas de frente voltarem á vida civil?” (As consequências [...], jun. 1917, p. 15). Ou seja, compreendemos então que os postos de trabalho, segundo apresenta a *Eu Sei Tudo*, estariam sendo ocupados apenas de forma temporária. O lugar de trabalhadoras de usinas e fábricas, ou como motoristas de meios de transportes terrestres e fluviais, estaria ameaçado assim que o contingente masculino retornasse da guerra. A matéria termina lançando a dúvida se as mulheres aceitariam retornar a viver como donas de casa, destinadas à família e ao cuidado do lar: “E ninguem pode afirmar que ellas tenham a resignação necessaria para voltar á existencia dependente e subalterna em que vegetavam antes da guerra” (As consequências [...], jun. 1917, p. 15).

Décadas depois, em meio às notícias sobre o fim da Segunda Guerra Mundial, a *Eu Sei Tudo* retoma a discussão sobre o papel das mulheres no pós-guerra, contudo dessa vez propôs soluções com o intuito de atender aos interesses tanto dos homens quanto das mulheres. A edição de abril de 1945 trata da questão na matéria intitulada “O que farão as mulheres depois da guerra?”. Em primeiro lugar, é preciso estabelecer a visão que a revista tinha sobre a vida das mulheres em tempos de paz e apaziguamento dos conflitos. De acordo com a matéria: “De fato, consideramos os muitos milhares de mulheres que, antes desta guerra-total, viviam quietas e tranquilas num estreito cenário de trabalho e diversão e para as quais a guerra criou um novo mundo [...]” (O que farão [...], abr. 1945, p. 17). Mas que novo mundo a Segunda Guerra Mundial criou para as mulheres? Estaria a revista falando sobre os horrores do confronto bélico que atingia a vida das sociedades europeias envolvidas no conflito ou estaria comentando sobre as novas relações de trabalho, quando as mulheres adentraram as fábricas, usinas, empresas e serviram como mão de obra fundamental para a manutenção das atividades econômicas dos países no período de guerra?

Seguindo o discurso publicado, vê-se que a vida das mulheres seria de todo modo tranquila, sem maiores preocupações ou afazeres. A edição de 1917 destacava a suposta vida “vegetativa” que viviam antes de entrar no mercado de trabalho (As consequências [...], jun. 1917, p. 15). Em 1945, o texto jornalístico afirma que a vida das mulheres, antes da guerra, era cercada de “diversão” e “lazer” (O que farão [...], abr. 1945, p. 17).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial sendo avistado num horizonte bastante próximo, qual deveria ser o papel das mulheres no pós-guerra e quais trabalhos poderiam frequentar, já que os seus postos em grandes indústrias e empresas estariam novamente ameaçados com o retorno dos homens? A mesma preocupação exposta em 1917 emerge no discurso jornalístico da *Eu Sei Tudo* em 1945, porém dessa vez sugere alguns destinos possíveis para as mulheres: saúde – “[...] a administração, as enfermarias, os serviços de ligação e controle, os de intérprete e muitos outros serviços, dependentes de destreza ou não, estarão á sua espera”; cuidado de crianças – “Outras organizações estão recrutando mulheres para seguir imediatamente para os territórios já libertados do tacão nazista a fim de cuidarem das crianças órfãs ou dependentes”; serviços de recepção – “[...] já ficou mais que provado que as mulheres podem ser largamente empregadas em diferentes setores desses serviços como ‘aeromoças’”; plantio – “O cultivo das flores, para o mercado, foi outra ideia, aceita como sedutora carreira para toda mulher cujas preferências se voltam para uma vida ao ar livre” (O que farão [...], abr. 1945, p. 17).

As mulheres do pós-Segunda Guerra Mundial que desejassem trabalhar deveriam se ater às áreas da saúde, da assistência doméstica, do atendimento ao público e do plantio. Não há menção à sua permanência nas áreas de inteligência militar, setores industriais ou de transporte. Na verdade, a sua inserção nos espaços comumente reservados para

homens parece ter sido a exceção de um tempo em que medidas mais drásticas para a sobrevivência da nação deveriam ser tomadas. O “perigo” passa a permear a sociedade quando elas, mulheres, “habitadas a uma vida ao ar livre” (O que farão [...], abr. 1945, p. 17), começam a ocupar locais de prestígio e buscar sua emancipação. O discurso jornalístico procura naturalizar os papéis sociais que devem ser seguidos por homens e mulheres. A historiadora francesa Michelle Perrot (2006, p. 171), autora de largas obras no campo da História das Mulheres, esclarece os estereótipos:

É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.

Mais à frente, na mesma obra, a historiadora comenta o impacto que as guerras exerciam sobre as relações sociais: “A guerra iria recolocar dramaticamente cada sexo ‘em seu lugar’, sendo o efeito das guerras sobre as relações entre os sexos, na maioria das vezes, conservador e até retrógrado” (Perrot, 2006, p. 184). Por fim, percebe-se como seus corpos e sua força de trabalho foram utilizados tal qual um produto que é descartado assim que a sua finalidade se esgota. Seus empregos em nenhum momento estavam garantidos. O modelo de mulher que deveria ser seguido no pós-Segunda Guerra Mundial não estaria conectado ao mercado de trabalho, mas atrelado à “imagem da mulher como gerente da vida doméstica mobiliada por novíssimos artefatos químicos, elétricos e eletrônicos produtores de saúde e conforto” (Kobayashi, 2018, p. 745)⁹.

As fotografias publicadas na edição de junho de 1917 mostram mulheres no exercício de suas funções. A imagem localizada no canto superior esquerdo exibe uma mulher pilotando um navio no porto de Manchester; a fotografia à direita apresenta três mulheres sendo preparadas para assumir o trabalho na área do transporte; a última imagem, localizada na parte inferior, destaca um grupo de mulheres que formam uma “equipe de impressores”, ou seja, pessoas responsáveis pelos processos de fabricação dos periódicos (As consequências [...], jun. 1917, p. 15). A edição de 1945 também destaca mulheres nos seus postos de trabalho – resumidamente, exercendo as funções de auxiliares do corpo de aviação britânica, auxiliares técnicas de rádio, no serviço de transporte aéreo, de localização de submarinos inimigos no Departamento da Marinha e dirigindo caminhões (O que farão [...], abr. 1945, p. 16).

A imagem/documento permite compreender quais espaços essas mulheres ocuparam no mercado de trabalho durante o período da guerra. Mesmo trabalhando em fábricas e usinas, as fotografias mostravam figuras femininas com trajes bem polidos e de cores claras e com cabelos bem amarrados e modestos. Em muitos casos, elas surgiam nas imagens posando para as câmeras fotográficas. Como imagem/monumento, perpetuam-se as marcas e os símbolos de um tempo em que as mulheres começaram a experimentar espaços de trabalho outrora ocupados somente pelos seus maridos, filhos, pais e irmãos. As fotografias, alinhadas com o discurso, mostram o “inusitado”, o fora do lugar, o deslocado.

Seja o esforço de guerra estadunidense ou o papel social das mulheres no pós-Segunda Guerra Mundial, a revista *Eu Sei Tudo* retratou assuntos que estavam em alta

⁹ A autora apresenta argumentação bastante parecida com a de Michelle Perrot. Ao tecer comentários sobre as mulheres do século XX, principalmente sobre as que viveram o cenário pós-guerra, Perrot (2006, p. 179) afirma que estas se tornaram quase engenheiras ao estarem cercadas de produtos eletrônicos e tecnológicos, “comandando as máquinas de uma cozinha-fábrica”.

no período de sua circulação. Ao mostrar o protagonismo dos Estados Unidos, alinhava-se aos interesses norte-americanos, perpetuando um discurso em que construía a imagem de um país forte, imponente e benevolente. Como discutido, a aproximação com os Estados Unidos pode ser explicada tanto pelo contexto político da época – Política da Boa Vizinhança – quanto pela mudança de referenciais culturais, quando o Brasil passou a adotar e perpetuar o modelo *American way of life* como o padrão de vida e de consumo a ser seguido.

No que se refere às mulheres, fica nítido como havia a tentativa de estabelecer comportamentos e costumes que deveriam ser vistos como naturais e inatos. Ou seja, a existência de mulheres inseridas no mercado de trabalho ocupando cargos de privilégio anteriormente dedicados à figuras masculinas gerava nas sociedades do pós-guerra um enorme estranhamento. O papel social feminino deveria estar relacionado ao cuidado com o lar, da família, da saúde e de sua comunidade. Caso quisessem exercer alguma profissão, não poderiam se desvirtuar dessas áreas. Enfim, sua atuação teria de ser bastante restrita. As fotografias e matérias jornalísticas sobre o tema refletiam as tensões e os desafios de uma época em que os papéis de gênero estavam sendo redefinidos. Nos momentos em que os “contratos sociais” são questionados, há a tentativa de estabelecer o que é adequado ou desviante – principalmente quando o tema relacionado são as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Tânia Regina de Luca (2008, p. 1), os periódicos são constituídos por intermédio de uma rede de sociabilidades, em que é necessário conciliar diferentes vozes e os interesses de todo o corpo jornalístico que forma a “imprensa”. A *Eu Sei Tudo* não só refletiu sobre as transformações sociopolíticas e socioculturais da sua época, mas também atuou como veículo de disseminação de valores, ideologias e costumes. Pelas suas páginas, os leitores compreendiam as transformações ocorridas no Brasil e no mundo, tinham acesso à informações científicas, contato com obras literárias e representações artísticas. Por esses fatores e por tudo que foi apresentado neste artigo, reforçamos o fato de a revista ser um importante documento histórico para a compreensão da sociedade, da política e da cultura brasileira.

Em síntese, por meio da análise das edições de julho e setembro de 1945, observamos como as capas da revista *Eu Sei Tudo* refletiam o seu contexto histórico. A ilustração do grande navio de guerra representava o poder bélico das nações aliadas que enfrentavam o Eixo no *front* de batalha. Além disso, ao mobilizar referências culturais como a obra *De geograaf*, de Johannes Vermeer, e a figura do jurista Hugo Grotius, a revista expressava a sua preocupação com o futuro das relações internacionais no pós-guerra.

A revista *Eu Sei Tudo*, ao destacar o papel das nações aliadas na Segunda Guerra Mundial, reforçava uma narrativa alinhada aos interesses geopolíticos do Brasil e dos Estados Unidos. As reportagens acerca dos esforços de guerra liderados pelo país norte-americano contribuíram para a construção de uma imagem heroica dos Estados Unidos. Todavia, ao examinar a seção “Memento *Eu Sei Tudo*”, fica claro como a revista também disseminou a ideia de uma luta coletiva contra o nazismo e o fascismo. Winston Churchill e Harry Truman, pelas páginas da *Eu Sei Tudo* de 1945, foram os símbolos do heroísmo ocidental.

Por fim, demonstramos como a *Eu Sei Tudo* também desempenhou um papel significativo na representação das mulheres no pós-Segunda Guerra Mundial. As

reportagens e matérias examinadas deram ênfase à inserção das mulheres em postos de trabalho anteriormente designados para os homens. Ao alinhar imagens e textos, no entanto, ficou evidente a tentativa, no discurso jornalístico, de naturalizar a função social das mulheres como mães e esposas. Dessa forma, a revista não apenas documentou, mas também participou ativamente da construção de um imaginário social sobre o lugar da mulher em um mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

A GUERRA futura: os horrores que a sciencia nos reserva. **Eu Sei Tudo**, n. 1, ano 1, p. 27, jun. 1917.

AS CONSEQUÊNCIAS da guerra – um novo perigo. **Eu Sei Tudo**, n. 1, ano 1, p. 15, jun. 1917.

AS FAZENDAS também trabalham para a vitória. **Eu Sei Tudo**, ano 28, n. 332, p. 13 e 16, jan. 1945.

CARVALHO, Fábio R. D. **Ciência de almanaque**: como as imagens de *Eu Sei Tudo* construíram uma guerra. Campinas: Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. *In*: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 259-273.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger (coord.). **As utilizações do objecto impresso**: séculos XV-XIX. Tradução de Ida Boavida. Lisboa: Difel, 1998. 437 p.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, n. 1, ano 1, p. 15, jun. 1917.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, p. 103, jul. 1943.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, p. 103, mar. 1945.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, n. 335, ano 28, p. 16, abr. 1945.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, n. 338, ano 29, p. 1, 79, 102 e 103, jul. 1945.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, n. 340, ano 29, p. 1 e 102, set. 1945.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). **Gratuliano da Costa Brito**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gratuliano-da-costa-brito>. Acesso em: 27 fev. 2025.

KOBAYASHI, Elizabete Mayumy. A saúde via consumo: a representação idealizada das donas de casa, mães e esposas nos manuais de economia doméstica e nos anúncios das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, 1940-1960. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, v. 25, n. 3, p. 743-761, jul.-set. 2018.

LUCA, Tânia R. de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIA, Andréa C. N. Eu sei tudo: cultura, ciência e história em uma revista ilustrada na época de Vargas. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

MAIA, Andréa C. N.; OLIVEIRA, Suzana B. Ártemis e os cristais de memória histórica: breve exercício metodológico a partir de imagens sobreviventes nas revistas *Eu Sei Tudo* e *Je Sais Tout*. In: MAIA, Andréa Casa Nova (org.). **Recortes do feminino: cristais da memória e história de mulheres nos arquivos do tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Telha, 2021. v. 1, p. 33-56.

MAUAD, Ana M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

MAUAD, Ana M.; LOPES, Marcus F. de B. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2012.

O QUE FARÃO as mulheres depois da guerra? **Eu Sei Tudo**, p. 16 e 17, abr. 1945.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 47-65.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2006.

TRAVASSOS, Tarcísia. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. 2010. 177 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

WADUM, Jørgen. An interview with Jørgen Wadum. [Entrevista cedida a] Jonathan Janson. **Essencial Vermeer**, 5 fev. 2003. Disponível em: https://www.essentialvermeer.com/interviews_newsletter/wadum_interview.html. Acesso em: 25 fev. 2025.

WHEELOCK, Arthur K. **Johannes Vermeer**. New Haven: Yale University Press, 1995.

ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, n. 4, p. 89-102, 1985.